

## ASCENSÃO AOS CÉUS EM APOCALIPSES JUDAICOS E CRISTÃOS

Antonio Lazarini Neto\*

HIMMELFARB, Martha. *Ascent to Heaven in Jewish and Christian Apocalypses*. Oxford University Press, 1993. ISBN 0-19-508203-6.

### **Introdução**

Martha Himmelfarb inicia seu livro citando uma passagem de 2En 9,17-19, argumentando que, aqui, a reivindicação feita em condições notáveis é que o ser humano pode se igualar aos anjos. Esta literatura é parte dos escritos do judaísmo primitivo e apocalipses cristãos, nos quais a ascensão ao céu é o modo de revelação. Há diferenças consideráveis entre estes apocalipses. Alguns vêm da Palestina, outros do Egito. Eles surgiram através de quase quatro séculos, do século III a.C. até quase a metade do século II d.C. Alguns foram escritos por judeus, outros por cristãos e não há consenso sobre o que é de quem. Alguns dos apocalipses são claramente sectários, enquanto outros possuem uma visão bastante inclusiva do justo; em alguns deles existe uma preocupação com o fim do mundo e com o juízo final, enquanto que em outros esta preocupação permanece “ao fundo” ou completamente ausente.

A convicção de que o limite entre a humanidade e o divino é permeável foi largamente difundida no mundo mediterrâneo por séculos. Os apocalipses expressam esta convicção de um modo distinto, mas precisam ser considerados em relação a este contexto maior. Himmelfarb considerará que os apocalipses são uma resposta a problemas na relação entre os seres humanos e o divino, visto que isso fora amplamente percebido no mundo greco-romano, bem como em desenvolvimentos dentro do judaísmo do período do Segundo Templo.

---

\* Professor de Grego, Exegese e Teologia do Novo Testamento na Faculdade Teológica Batista de Campinas. Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo na área de Literatura e Religião no Mundo Bíblico e integrante do projeto *Oracula: Grupo de Pesquisas em Apocalíptica Judaica e Cristã*, apoiado pela FAPESP na qualidade de Projeto Regular.

A autora sugere que as ascensões nos apocalipses são mais bem entendidas como exemplos de "êxtase", ou seja, ascensão ao céu como iniciativa não do visionário, mas de Deus. Mais adiante, depois da consideração das qualidades literárias dos apocalipses de ascensão, ela afirmará que estes apocalipses são mais bem compreendidos como criações literárias e não como diários místicos.

Em seu livro *Himmelfarb* considera o corpo inteiro de apocalipses de ascensão (judaicos e cristãos): o *Livro dos Vigilantes*, o *Testamento de Levi*, *2 Enoque*, *As Similitudes de Enoque* (1En 37-71), o *Apocalipse de Sofonias*, o *Apocalipse de Abraão*, a *Ascensão de Isaías* e *3 Baruque*. O segundo século marca uma divisão natural entre os trabalhos apreciados aqui e os recentes textos judaicos e cristãos que envolvem ascensão.

Nesta introdução Himmelfarb diz esperar que este estudo dos apocalipses de ascensão afrente o desafio dos desenvolvimentos das últimas décadas, não só para a história da literatura apocalíptica, mas também para a história do judaísmo antigo e do cristianismo.

### **Capítulo 1: De Ezequiel ao Livro dos Vigilantes**

A visão de 1En 14 marca uma arrancada crucial na história da literatura do antigo judaísmo. Até certo ponto, a visão de Enoque estava na tradição da profecia. De um ângulo, pode ser percebida como uma visão de chamada dramática como a visão do trono-carruagem em Ezequiel com a qual tem algum paralelo notável. Na culminação da visão, Deus comissiona Enoque para executar uma tarefa profética – entregar uma mensagem de julgamento aos Vigilantes caídos. Mas há uma diferença central entre a visão de Enoque e as visões dos profetas, inclusive as de Ezequiel: diferente de quaisquer dos profetas, Enoque ascende ao céu.

Embora a ascensão seja um desenvolvimento novo, a dependência de 1En 14 em relação a *Ezequiel* é profunda. A origem para o quadro do querubim do trono que Enoque vê no santuário celestial não é o Segundo Templo, que já não continha estes símbolos centrais do Primeiro Templo, nem as instruções para construir o tabernáculo no documento sacerdotal da Torá e tampouco a descrição do templo de Salomão em 1 Reis. Antes, são as visões de Ezequiel da carruagem que leva a glória de Deus.

No texto do livro de Ezequiel, o próprio Ezequiel nota a correspondência entre a carruagem que ele vê e a mobília do templo. O texto sugere que Ezequiel pode reconhecer as criaturas como querubins por causa da sua proximidade com o querubim esculpido no templo.

Claramente, os originais celestiais são mais assustadores e maravilhosos que as suas representações terrestres.

Para *Isaías*, o templo era verdadeiramente a casa terrestre de Deus, o lugar aonde céus e terra vinham juntos. O templo é o lugar de encontro natural com Deus. A Escola Deuteronomica rejeita a visão popular do significado cósmico do templo: a verdadeira casa de Deus está nos céus.

Ezequiel também providencia um modelo para o processo de ascensão. A série de verbos de movimento da qual Enoque faz uso no curso de sua ascensão encontra um único precedente profético nas perambulações de Ezequiel no templo de Jerusalém assistindo à partida da glória de Deus e a sua excursão ao templo escatológico no término do livro.

O *Livro dos Vigilantes* era um trabalho extremamente influente e um aspecto de sua influência é o quadro do céu como templo que explica tantas características dos outros apocalipses de ascensão. A mobília do templo divino também reflete o terrestre. Enquanto está claro que o templo divino de 1En 14 corresponde ao templo terrestre, não parece, no entanto, corresponder *em detalhes* a qualquer templo particular descrito na Bíblia Hebraica. Himmelfarb duvida que a falta de correspondência entre o templo divino e suas contrapartes terrestres nos apocalipses sejam simplesmente o resultado do descontentamento com o Segundo Templo. Descontentamento, diz ela, é um motivo importante para um interesse em templos divinos, mas nossos autores seguramente não sentiam nenhum descontentamento tal com o tabernáculo, com o templo de Salomão ou com o templo escatológico de Ezequiel, os quais, diferente do Segundo Templo, estão descritos na Bíblia.

Outra ponderação feita pela autora é acerca de 1En 14,18-20. Aqui o próprio Deus não é descrito, mas sua vestimenta, sendo esta branca como a neve em comparação com a visão da glória de Deus em Ez 1 e 8, cujo brilho ao redor da figura de Deus é um arco no lugar do branco. Assim, Himmelfarb sugere uma relação entre as vestimentas sacerdotais, com as exigências do uso do linho, e a aparência de Deus.

No templo celestial os sacerdotes são anjos. O papel sacerdotal dos anjos está implícito na linguagem da resposta de Deus para a petição dos Vigilantes caídos, acusados de terem contato com mulheres (1En 15,2-4). Parece haver uma correspondência entre os sacerdotes do templo terrestre e os anjos dos templos celestiais. A queda dos Vigilantes é, em contrapartida, a poluição dos sacerdotes da terra. Para a autora, a figura do céu no *Livro dos Vigilantes* implica que nem todo sacerdote terreno era mau. O fato de que outros

sacerdotes perseveraram no serviço do templo celestial sugere que alguns sacerdotes na terra continuam servindo como deveriam. Também um templo funcionando corretamente está imediatamente dentro do alcance do humano e milagroso.

Himmelfarb rejeita a tese de Paul Hanson de que a base real para a visão dos grupos apocalípticos é inerentemente antitemplo. Acredita ela que Hanson está errado ao ler 3 *Isaías* como antitemplo. Se ignorarmos os sacerdotes e seus amigos em nossa procura pelas origens da literatura apocalíptica ou até mesmo apocalipse escatológico, estaremos correndo o risco de *perder tudo* de nossos candidatos – argumenta a autora. No entanto, nestes “visionários” havia de fato a consciência de estarem estabelecendo uma relação entre o celestial e o terrestre?

### **Capítulo 2: Ascensão Divina e Investidura Sacerdotal**

Esse capítulo ressalta que, nos séculos que se seguiram à sua composição, o *Livro dos Vigilantes* estava entre os trabalhos mais influentes fora do cânon, tanto para os judeus como para os cristãos. Vários dos apocalipses de ascensão posteriores são profundamente devedores a este e, até certo ponto, dependentes dele. Mesmo para aquele que não demonstra nenhum sinal claro de dependência sobre um aspecto central de seu legado, a compreensão do céu como um templo parece ser o modo de representar a ascensão do visionário ao céu.

Segundo Himmelfarb, isto não sugere que o quadro de céu como templo fosse restrito ao *Livro dos Vigilantes*; pelo contrário, está claro que o quadro foi considerado amplamente no judaísmo primitivo. Mas o *Livro dos Vigilantes* foi o primeiro trabalho judaico a descrever uma ascensão ao céu e a impor o “tom” para o corpo inteiro da literatura apocalíptica posterior.

A autora faz uma abordagem dos principais conceitos da literatura apocalíptica antiga. Quanto ao *Testamento de Levi*, sua preocupação central é a corrupção do sacerdócio pelos descendentes de Levi. No começo do Testamento, Levi descreve duas visões nas quais ele é comissionado a servir como sacerdote. Na primeira visão (caps. 2-5), ele ascende ao templo celestial, onde o próprio Deus lhe confia o sacerdócio. Na segunda visão (cap. 8), anjos vêm a ele e o cobrem com vestimentas sacerdotais. Após as visões, Levi exorta seus filhos e condena os pecados futuros de seus descendentes.

Apesar da ênfase no céu como templo e a visão do próprio Deus, Levi não traz nenhuma emoção nem até mesmo uma consciência de protocolo. Ele não se abala e nem treme, negligenciando cair diante da face do divino. Essa ausência de reação pode indicar que Levi tenciona se distinguir da linha sacerdotal. Até mesmo um sacerdote comum se sente em casa no templo terrestre. Assim, talvez o antepassado de todos os sacerdotes se sinta em casa no templo celestial e à vontade com a visão do temeroso que mora lá. Mas para Himmelfarb isto é improvável. Antes, a falta de reação de Levi para com as suas visões é a indicação mais notável do significado transformado do sacerdócio para o autor do *Testamento Grego de Levi*.

Os apocalipses de ascensão que datam do primeiro século d.C., ou depois, contêm sete céus, embora o quadro de um único céu continue aparecendo em uma larga variedade de textos, tais como o *Apocalipse de João*, o *Apocalipse de Pedro* e o *Apocalipse de Paulo*. É difícil especificar as causas do aparecimento da figura dos sete céus e explicar porque aconteceu em um momento particular na história. Adela Yarbro Collins aponta para a proeminência do número sete aplicado aos céus na magia suméria e babilônica.

No templo terrestre o sacrifício era o ritual central. Mas sacrifício aparece em muitas descrições do templo celestial. As últimas *Canções do Sacrifício Sabático de Qumran* mencionam sacrifícios enfatizando especialmente o seu aroma. Em descrições de sacrifícios nos céus como em *3 Baruque*, a inclusão do incenso na representação do sacrifício celestial é parte da tendência de se enfatizar o aroma do sacrifício no céu mais do que seus aspectos totalmente corpóreos. Como vimos, o *Livro dos Vigilantes* insinua a existência de algum amável serviço no céu, mas não está interessado nos detalhes. No Segundo Templo, de acordo com algumas fontes, o sacrifício era acompanhado de hinos. Hinos angelicais são muito populares nas ascensões apocalípticas, embora só *As Semelhanças de Enoque* e o *Apocalipse de Abraão* descrevam o conteúdo dos hinos. O quadro da liturgia celestial no *Testamento de Levi* sugere que o céu de Levi continha sacrifícios e hinos.

A visão da autora quanto a *2 Enoque* está baseada em duas considerações: por um lado, embora *2 Enoque* não se pareça com apocalipses cristãos medievais, ele mostra muitas semelhanças com apocalipses que claramente pertencem aos primeiros séculos desta era. Por outro lado, não há nada em *2 Enoque* que requeira ou até mesmo sugira preocupações particularmente cristãs. Isso não elimina a possibilidade de um autor cristão, mas faz com que a autoria judaica seja a mais provável.

A última sessão de *2 Enoque* relata a assunção de Metusalém ao sacerdócio depois da ascensão de seu pai Enoque, a morte de Metusalém, o transcurso do sacerdócio para Nir, o sobrinho de Metusalém e o nascimento milagroso de Melquisedeque de uma mulher velha e estéril, aparentemente sem a participação de um pai. O texto é concluído com o aparecimento de um anjo para levar a criança Melquisedeque para o Jardim do Éden, a fim de evitar a inundação. Depois, Melquisedeque é devolvido para servir como Sumo Sacerdote. A autora vê uma relação entre esta sessão e a *Carta aos Hebreus*. Para *Qumran e Hebreus*, Melquisedeque é primariamente uma figura celestial.

O Livro dos Vigilantes vê Enoque como merecedor da companhia de anjos. *2 Enoque* sugere que Enoque estava fisicamente transformado em um anjo. *3 Enoque* é o único texto utilizado extensivamente em tradições da literatura apocalíptica do judaísmo primitivo conhecidas por nós. Este livro tem clara relação literária com *1 e 2 Enoque*, mas toma uma figura bíblica como seu herói. A transformação de seres humanos em anjos implícita ou explicitamente após a morte, ou antes, não é incomum nos apocalipses, como nos textos apresentados neste capítulo. Em muitas das ascensões apocalípticas, a idéia dos anjos como sacerdotes celestiais lança um importante papel na descrição da transformação.

### **Capítulo 3: Transformação e Morto Justo**

Os limites entre os deuses e os mortais não estão sempre marcados claramente no mundo greco-romano. Os grandes filósofos às vezes foram considerados divinos pelos seus seguidores por causa da sua sabedoria e virtude. A literatura judaica antiga conhece uma variedade de figuras intermediárias que permanecem entre Deus e a humanidade, incluindo anjos e atributos de Deus, tais como Sabedoria e Glória de Deus.

De acordo com textos apocalípticos de Qumran sobre a vida após a morte, a recompensa do íntegro depois da morte é estar no quadro dos membros celestiais. Os apocalipses em questão, onde a maioria não contém ascensões, datam do meio do segundo século a.C., quando a perseguição de Antíoco tornou o destino dos mártires um assunto de grande preocupação.

A equivalência de anjos e estrelas neste fluxo de pensamento torna-se clara em uma passagem exortativa da *Epístola de Enoque* (1En 104.2-6), onde ao íntegro é prometido que ele brilhará como as estrelas e, então, que estará na companhia do anfitrião celestial. As *Similitudes de Enoque* também fazem esta associação quando descrevem o justo morto desfrutando a companhia dos anjos e brilhando maravilhosamente (1En 39.4-7).

A provação do visionário no *Apocalipse de Sofonias* é extraordinária para a literatura apocalíptica. Nos outros apocalipses o visionário pode sentir temor ou terror na visão do plano divino, mas ele nunca está em perigo. Em nenhuma outra parte nos apocalipses o visionário tem tal encontro terrificante com um anjo hostil sem o apoio de um companheiro angelical ao seu lado. Almas más não emergiriam incólumes do encontro com o acusador. O tema central do *Apocalipse de Sofonias* é o julgamento das almas. O justo juiz é o próprio Deus. Os tronos e coroas que esperam o justo morto no *eschaton* deixam claro que a *Ascensão de Isaías* também entende o céu como um tribunal real. O que aprendemos dos *Apocalipses de Sofonias* e *Ascensão de Isaías* é que até mesmo em relação ao destino das almas depois da morte, onde o aspecto do tribunal real poderia parecer mais imediatamente pertinente, os autores destes apocalipses também utilizam a compreensão de céu como templo.

Na *Ascensão de Isaías*, o profeta é distinto do resto dos justos pelo fato de que ele ascende ao céu e experimenta o estado exaltado dos mortos justos enquanto ainda vivo. No segundo céu, Isaías é superado pela glória do que ele vê, a qual é maior que a glória do primeiro céu. O sexto céu marca um novo estágio da santidade e da glória. Quando Isaías tenta entrar no sétimo céu, ele é desafiado por uma voz que pergunta: "*Como pode qualquer um subir, quem vive distante entre estrangeiros?*" Isaías está amedrontado, mas outra voz, depois identificada como a voz de Cristo, responde: "*O santo Isaías está autorizado a subir aqui, pois aqui estão suas roupas*" (9,1-2).

Himmelfarb argumenta que a contradição entre a informação oferecida pelo guia angelical de Isaías e o que de fato acontece no sétimo céu não é nada intencional, embora pareça representar uma tentativa de reduzir a reivindicação radical de que o justo morto permanece sobre os anjos na hierarquia celestial. É digno de nota que esta reivindicação nunca é completamente declarada.

A autora prossegue neste capítulo observando que nas *Similitudes de Enoque* e no *Apocalipse de Abraão*, o céu é claramente visto como um templo. De acordo com o *Apocalipse de Abraão*, a destruição do templo terrestre foi causada pela idolatria que estava corrompendo o culto. A seguir, passa a discutir a definição de ascensão feita por David Halperin como invasão do céu. Halperin declara que a natureza verdadeiramente radical destas lendas de ascensão fica aparente quando as reconhecemos como o lado oposto dos contos de invasão mal-sucedida do céu, através de figuras como a orgulhosa Estrela da

Manhã, filho da alva, descrita em Is 14. Embora a intenção de Isaías fosse apresentar um anti-herói mítico, como um substituto para o rei da Babilônia, em interpretação posterior ele se tornou Lúcifer, o modelo de orgulho dominante, auto-afirmação e rebelião contra a aliança de Deus.

Fazer sentido ao complexo de fenômenos bastante diferentes que podem ser colocados sob o título de misticismo da *Merkavah*, como Halperin faz em *As Faces da Carruagem*, é uma realização brilhante. Mas a ênfase em ascensão como invasão, no aspecto subversivo do processo, parece, segundo Himmelfarb, algo exagerado não só para os apocalipses (onde talvez seja injusto tomar Halperin, visto que eles não são um foco central do livro), mas também para toda a literatura.

Himmelfarb propõe uma leitura bastante diferente das ascensões dos apocalipses baseada nas condições históricas que parecem ter contribuído à preocupação pelo templo celestial. Um resultado do rompimento traumático com as tradições do passado, causado pela destruição do templo e pelo exílio, é freqüentemente discutido. É um novo sentimento da distância entre Deus e a humanidade, um sentimento que desconhece a religião de Israel antes do exílio. A literatura profética também reflete o senso de distância entre Israel e o Deus da história. Realmente, uma vez que amplamente reconhecemos como o problema da distância de Deus era percebido no mundo greco-romano, percebemos que anjos, como emanações, não são sua causa, mas uma tentativa da sua solução. A idéia de que os céus estão cheios de anjos assegura aos seres humanos um contato com a esfera do divino, ainda que só na sua periferia. Mas os apocalipses não os restringem a periferia.

#### **Capítulo 4: Os Segredos da Natureza, História Primitiva e a Ordem do Cosmos**

Um aspecto importante do conteúdo dos últimos três apocalipses de ascensão a serem discutidos neste capítulo é o interesse deles pela natureza. Nas *Similitudes de Enoque*, 2 *Enoque* e 3 *Baruque*, a terra desaparece do quadro e só o céu é objeto de preocupação cosmológica. A natureza desenvolve um papel central em todos os três, ainda que de modos bastante diferentes.

No terreno formal, o melhor precedente para as viagens de Enoque são as viagens de Ezequiel ao templo escatológico, como já se tem entendido. Em suas descrições do fluxo do templo, Ezequiel segue as tradições bíblicas trazendo a imagem do Jardim do Éden ao monte do templo. O fluxo do templo é miraculoso, trazendo fertilidade. Ricas florestas

crecem em suas margens e adoçam as águas que fluem de forma que do Mar Morto vêm peixes vivos. Ez 47,12 assim declara: “*Junto ao rio, às ribanceiras, de um e de outro lado, nascerá toda sorte de árvore que dá fruto para se comer; não fenecerá a sua folha, nem faltará o seu fruto; nos seus meses, produzirá novos frutos, porque as suas águas saem do santuário; o seu fruto servirá de alimento, e a sua folha, de remédio*”. Para Ezequiel, o monte do templo é como uma fonte de benção e fertilidade, como o primeiro jardim plantado por Deus.

O *Livro dos Vigilantes* vai mais longe do que Ezequiel por fazer do próprio Éden o Jardim da Justiça, uma parada no itinerário de seu herói. A inclusão do Jardim na viagem é particularmente notável na visão dos problemas levantados no *Livro dos Vigilantes*.

Como *2 Isaias* e *Jó*, o *Livro dos Vigilantes* é uma resposta à destruição do templo, embora aquela destruição já fosse de séculos passados. As viagens para os fins da terra representam uma visão mediana sobre o modo pelo qual a natureza fala de Deus, menos pessimista que *Jó*, menos otimista que *2 Isaias*. Muitos dos fenômenos que levam Enoque a elogiar a Deus são aspectos cotidianos da natureza, como a chuva, o orvalho, o vento e as estrelas do capítulo 36, por exemplo. Mas a ênfase da viagem está mais nas maravilhas do caminho que inspiram Enoque a louvar Deus do que na sua inacessibilidade para o ser humano comum.

Um último fragmento de evidência para o lugar da natureza nos apocalipses que merece ser considerado são as "listas de coisas reveladas". Michael Stone, quem primeiro chamou atenção a estas listas, mostra que em vários apocalipses, incluindo alguns interessados não em ascensão divina, mas em escatologia coletiva, o conteúdo de uma revelação para um herói do passado, para o visionário do apocalipse no presente do texto ou para o justo no futuro é resumido em uma lista que inclui fenômenos cosmológicos. O conteúdo das listas varia desde fenômenos naturais até descrições de partes específicas da natureza. Todavia, a função destas listas é mais difícil de se discernir. Stone sugere que as listas representam “o conteúdo do real ou de experiências visionárias supostas”.

Outros Apocalipses descrevem a transformação escatológica dos justos em estrelas. Aqui, estrelas representam a justiça na terra. De qualquer modo, ao investigar essas referências à natureza nos apocalipses a autora entende que os fenômenos naturais são usados como um modo de conhecimento de Deus. Himmelfarb sugere que a perda do interesse no mundo criado é um resultado do desenvolvimento da visão em que o mundo não é muito mais merecedor de demasiada atenção.

### **Capítulo 5: Os Apocalipses como Escrito**

Com algum significado, alguns estudos recentes têm reivindicado que muitos apocalipses refletem a experiência visionária de seus autores. Estas tentativas para fazer sentido aos pseudepígrafos são extremamente atraentes. Mas apesar de tais tentativas serem atraentes, Himmelfarb discute que os apocalipses são documentos literários nos quais a representação da experiência do herói precisa ser entendida como um ato de imaginação, com seus particulares determinados pela manipulação do autor, ao invés de uma representação literária das próprias experiências deste. Todavia, neste ponto é preciso refletir sobre a opinião da autora, pois será os escritos apocalípticos são puramente fruto da imaginação dos seus autores? Não poderiam ser descrições de reais experiências de transe vivenciadas por eles? Por exemplo, o fato de se notar que numa visão do templo celestial contém o reflexo do templo terrestre faz da visão um ato da imaginação?

Os autores dos apocalipses freqüentemente utilizaram tradição oral e podem ter desejado que seus escritos fossem lidos em voz alta. A proeminência de escribas como heróis indica seguramente autoconsciência de autoria neste ponto. Himmelfarb afirma não saber porque a escrita emergiu como um veículo para a profecia e revelação nas décadas que precederam a destruição do Primeiro Templo, mas o ponto crucial para seu argumento é que o uso da escrita para estes propósitos proveu as condições necessárias para os pseudepígrafos dos apocalipses.

Ao falar sobre o *Livro de Enoque*, por exemplo, a autora diz estar inclinada a pensar que perguntar pela (ou questionar a) identificação do autor com Enoque é não entender o essencial. A autora considera que as narrativas dos apocalipses são cruciais para os entender, pensando que tais narrativas podem revelar alguma coisa sobre os autores e as suas comunidades.

Himmelfarb encerra seu livro asseverando que, se lê corretamente, o que mais trazia realização aos autores de tais escritos era a possibilidade de sugestionar um entendimento humano do estado do justo no universo, que vai além de qualquer coisa encontrada na Bíblia e como um profundo apelo aos judeus antigos e cristãos. Em meio de uma vida diária, freqüentemente insatisfatória, eles ensinaram aos seus leitores a se imaginarem como Enoque, como um glorioso, sem diferença aparente.